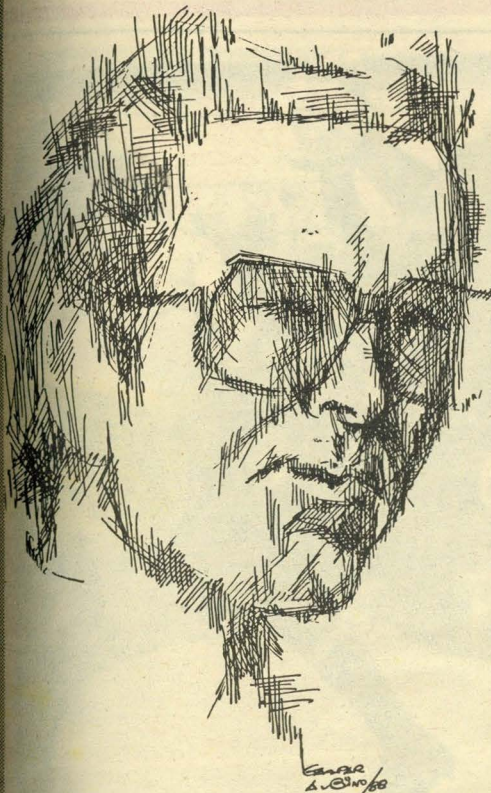


Os cenários e os painéis

José de Melo

Pretexto Alexandra Alpha



Mena, etc. e tal, numa análise do discurso que poderia conduzir, conduziria a ilações sociolinguísticas. Só que o tal analista beberia seu copo de leite, e nós beberíamos uísque, cerveja ou outra coisa que tal, e só que o discurso, — o nosso, — meteria porras e merda, entre Covas e quejandos, isto é, mimariamos o discurso **déborde, canaille**, já patente em outras obras de Cardoso Pires, às vezes, sem querer, a ir na onda. Opus Night, visivelmente enfatiado, misturando comunas e literatura, beberia um copo, — gaita! — tresmalharia, estaria daí a nada a telefonar para o Porto, teria noite de pegas penduradas nas árvores, lá para o Aeroporto. E todo esse despiste do Opus Night, — não nosso, — para quê? Porque, com porras ou sem porras, poderíamos ter ido directamente ao assunto, não aborrecer com indirectas o homem do cravo branco, — essa trocatintice do vermelho, Cardoso Pires, o Opus Night não a merecia, pois é uma bela personagem, — e dizer que atribuir à disseminação da **Balada** folhas atiradas ao ar, para as baralhar, como uma ignorância dita intelectual fez, seria demasia: **Balada** foi tentativa, experiências que até dão filmes em terra de parvos, filmes de que, — sem macaquear o Remelga, — não reza a história, e isso talvez já fosse falar, talvez o Opus Night, «acertados os azimutes», entendesse melhor. A **Balada**, claro, descontada a análise do discurso, descontadas algumas figuras, para quem tenha esquecido os Varelas ou já não recorde os Múrias enterrados na areia do Guincho, ou do policial só tenha apreciado uma Highsmith, a do **Strangers on a Train**, — coisas distintas mas a ter em consideração no universo dos leitores, — é o pior de **Alexandra Alpha**, no controlo, no resvalamento para o mau gosto, naquele caminhar da **santa** pelo país inteiro, naquele esbracejar/desenterrar cadáveres, perscrutando sepulturas, naquela para-exaltação de intononas com televisão preparada e outras coisas que tais. Sem ambages, a **Balada**, válida como experiência, é o pior de **Alexandra Alpha**, — para já, e sem delongas, um grande romance, à altura do melhor de José Cardoso

Pires e pedindo meças, em muitos aspectos, ao **Delfim**, por onde rondam, ou de onde emergem, sem Gafeira, o Berlenças e o Opus Night; para já, um grande livro, com Alexandra Alpha, Opus Night, João de Berlenças, Maria, o 25 de Abril e tudo. Para o fim, ficaria a dúvida sobre se as belas e, com propriedade, fantásticas páginas de «Ascensão e Morte» deveriam entrar, ou se o romance deveria ter acabado naquela multa «por estacionamento proibido». Opus Night que desculpe, mas, agora, não estamos a desconversar ou a conversar, ou a espicaçar José Cardoso Pires, rodeando a chávina. Estamos mesmo a falar a sério. E por partes, com pretexto no pretexto Alexandra Alpha, — uma personagem tão acarinhada que até parece apontar para a personagem, num romance de espaço, num romance que é história, mesmo quando esta se deforma em **estórias**, na perspectiva do autor ou desta ou daquela personagem: deformação no entanto natural, tão natural como a cegueira de Teófilo a pretender desancar/desbançar Herculano, por birra, por Herculano se haver referido às Conferências Democráticas do Casino Lisbonense suprimindo o adjectivo «democráticas». Vamos, e por partes, que **Alexandra Alpha** e José Cardoso Pires o merecem.

Alexandra Alpha e a personagem são, antes do mais, um pretexto. Mais do que a história de uma Alexandra, da Alpha Linn, — estas multinacionais exploradoras do povo que não lê e do que lê, — **Alexandra Alpha** é o fim do vinte e quatro, é o vinte e cinco, — com que o cronista se emociona, intrometendo-se sem reboço, em directo, autor e narrador assumindo-se e fundindo-se na homodiegesis, — é ainda o vinte e seis do PREC, das ocupações, das desilusões e das esperanças, da revolucionarite e da procura de estabilização, das desestabilizações e das inculpações; **Alexandra Alpha** é José Cardoso Pires, é o Berlenças e o Opus Night, é o Ruy Belo e Maria, o Miguel, é o intelectual e os tecnocratas sempre a cobrirem a retirada, é toda uma fauna em que nos encontramos e reencontramos. Com catarse e tudo. Com os

paradigmas todos e todos os vectores, mesmo que carecendo, aqui e além, de correcções, em desvios da paralaxe. Até com interposições de palavras e sintagmas avulsos, sem sublinhado ou itálico, apontando à indexação semiológica do cafuzismo que o impacto alienígena alimentava e o autor transmite, tornando desse modo o discurso mais discursivo, a fluência mais fluente, ao ritmo do monólogo interior e das falas, e em oposição às citações de autores, — Camões ou Pessoa, Almada ou Pontalis, ou até da proclamação do MFA, vinda dos próceres, em hora a que alguns dormiam. Até com o discurso ribaldeiro, amalandrado, canalha, salpicado de patuás, de Cais do Sodré e Parque Mayer, de Caparica e **bas-fond**, escumalha e haxe, de **gum** e fora-de-portas. E até por isto tudo **Alexandra Alpha**, mais do que cenário, é painel, mais do que a personagem bem trabalhada de Alexandra, da Alpha Linn, é quadro a que Alexandra aparenta conferir uma unidade.

Ia a falar-se de certa acrimónia antidinossáurica, mas a grande partida é levar o Opus Night a comprar o livro, a comprar o romance **Alexandra Alpha (Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1987)**. Diz o Opus Night tudo, em directo, traduzido, num fundamental de assimilar, era pô-lo de sobreaviso. A resposta de Opus Night, então, viria na página 253, abalaria o prédio de alto a baixo. «Parece impossível!», berraria, num salto, o vizinho do andar de cima. Pareceria, mas seria a resposta, sem tirar nem pôr.

Ficar em especulações de Opus Dei/Opus Day e Opus Night, também não vale a pena. Nem a memória de Ruy Belo levaria a bem. Falar da morte de Alexandra, de Maria e Miguel, como acto criminoso, seria uma especulação dos diabos para a família de Alexandra e para o Opus Night em maré de copos, com mirandês e sentenças. O melhor que o leitor tem a fazer é deixar o Opus Night comprar o livro, e ir depressa, depressa, — **asinha** aparece no romance, — não vá ter de ficar já com a segunda edição. **História de Amor, O Anjo Acorado, O Delfim**. A síntese. Vá depressa à livraria.

Desconversando ou conversando, com grande fastio do Opus Night, — «em maré de ressaca», — sentados os três à mesa, — o Nuno, não, engalinha por coisas de somenos, — diríamos a José Cardoso Pires que, a um desses inteligentes à trela de qualquer Saint-Cloud cá dos sítios, talvez a **Balada da Praia dos Cães** soubesse à maravilha, — e seria bem feito, — para uma análise lexicométrica, aliás não destituída de interesse, se adequadamente elaborada. Bocejo do Opus Night, — já esperado, — mas se o caretado do analista fosse menos radical que de costume, poderia até estabelecer as relações semânticas, as oposições e identidades, emparceirados PIDE, **Diário da Manhã**, o Covas, o Otero, a